





RECORDAÇÕES

Este caderno

Este caderno surgiu da ideia da Silvana da tia Tonha que carinhosamente o preparou com os bordados das capas e fez circular na família de cada um dos filhos de Antônio Simão de Melo e Maria Cândida de Jesus, recordação de valor inestimável para todos nós. A versão final do caderno foi apresentada no encontro da família em Divinópolis, em 19/06/2011.

Ascendência de Antônio Simão de Melo

Entre 1870 a 1880 nascia uma indiazinha muito bonitinha que brincava feliz da vida. As tribos indígenas estavam cada dia menores e as cidades crescendo. Certo dia um senhor (descobrir o nome do pai do João Simão) a cavalo viu aquela linda indiazinha brincando, pensou em pegá-la para criar, mas foi embora. Ele ficou com aquela menina na cabeça e então voltou. A indiazinha quando viu aquele homem se aproximar ficou com muito medo e saiu correndo. Ele jogou um laço e a pegou no seu cavalo levando-a para casa. Ela tinha mais ou menos sete anos de idade, quase não sabia nosso idioma e foi chamada de Pricidônia e com todo respeito foi tratada, como se fosse filha dele. Este senhor tinha um filho chamado João Simão de Melo que cresceu junto com aquela índia, a Pricidônia. Eles cresceram, se apaixonaram, casaram e tiveram quatro filhos: Olímpio Simão de Melo, Antônio Simão de Melo, Maria e Rosa. Eles moravam na Comunidade dos Branquinhos, perto de Nova Serrana-MG.

Olímpio Simão de Melo casou-se com Patronília Maria dos Santos e tiveram três filhos: Maria Galdina dos Santos, Altino Moreira dos Santos e Vitorina Moreira dos Santos. A Maria casou-se, mas não sabemos o nome de seu esposo e de seus filhos. A Rosa era loira, muito bonita, porém faleceu nova, teve um ataque de epilepsia quando ia buscar água na bica. E Antônio Simão de Melo, homem bondoso, com característica indígena, cabelos pretos lisos puxou sua mãe, aquela índia que foi capturada no mato.

Os índios Cándidés

A maior nação indígena Brasil no século XVIII foi a do Ciapó do Sul, que habitava vastas regiões desde o norte do Pará, parte de Goiás e de Minas Gerais, até bem fundo na floresta amazônica, entrando pelos rios Xingu e Araguaia. Seus inimigos eram os Bororós e os Botucudos e naturalmente o explorador, que desejava tirá-los de suas terras.

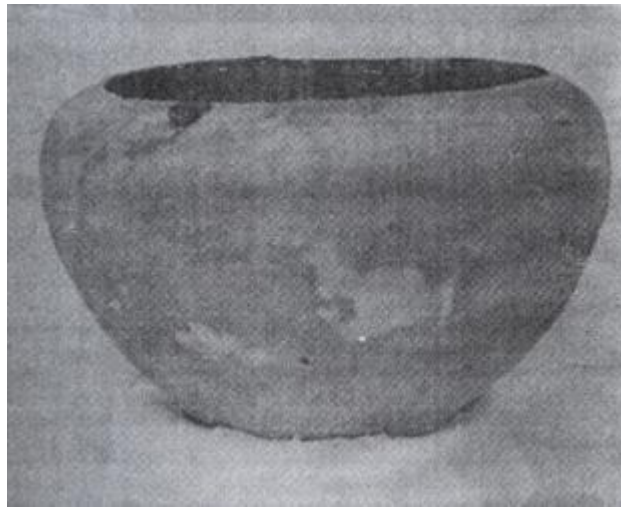
Eles se denominariam nebrengroê (o – porco – do – olho - d água), em língua crawl, mas foram chamados de Ciapó (o – que – traz – fogo – na – mão, na língua tupi – guarani, falada pelos sertanistas e bandeirantes). Esta palavra descreve seu costume de manter sempre acesa, em cada aldeia, uma grande fogueira para espantar os maus espíritos cuja coluna de fumaça era vista de longe e também por causa das queimadas que faziam para facilitar a caça e o ataque guerreiro, além do preparo da terra para plantio.

Os Ciapó – Canditrá viveram em várias aldeias espalhadas pela região do Alto São Francisco, mantendo hábitos de vida relativamente sedentários. Em cada taba (aldeia) geralmente viviam entre cem e duzentas pessoas, comandadas pelo lendário Wajanga (líder espiritual, pajé).



Os Candidés saíram de Minas em 1782. A tribo da época de 1870 que vivia na região de Nova Serrana eram os Canidés que pertenciam aos Candidés. O primeiro encontro de índios e portugueses foi motivo para mútua e grande surpresa. Os índios ficaram boquiabertos com a cor negra dos escravos. Com a curiosidade peculiar à gente da sua raça, os nativos tomavam o braço de um escravo e o examinavam meticulosamente, chegavam a molhar o dedo na boca e esfregá-lo na pele escura do negro na suposição de que estivesse pintada com casca de jenipapo.

Não menos surpresos ficaram os bandeirantes ao verificarem que alguns daqueles índios arremedavam algumas palavras em português, o suficiente para, ajudá-lo com mímica (que para o ser racional é o último recurso para a comunicação), informaram que o seu chefe era Uriaçu (Neroiaçu = cobra grande) é quem falava a língua dos brancos, mas Uriaçu não estava lá.



Vaso de cerâmica queimada encontrado na região



Pequena vasilha em exposição no museu Pe. Libério, Leandro Ferreira, 2000



Índios Candidés

Ascendência de Maria Cândida de Jesus

Do lado de Maria Cândida de Jesus (avó) a história começa com Vicente Ferreira Gomes e Zifirina (bisavós de Maria Cândida). Vicente Ferreira Gomes e Zifirina eram fazendeiros, tinham muitos escravos e eram tratados por Sinhô e Sinhá. Um dia Sinhá Zifirina ganhou um lindo menino loirinho de olhos azuis, seu primeiro filho. Certo dia uma escrava que tomava conta do almoço da família sem perceber deixou um talo de quiabo cair no chão. A criança que estava com oito meses engatinhava por toda casa, colocou o talo do quiabo na boca, engasgou e morreu. Todos ficaram muito tristes com a perda daquela linda criança. Muitos acreditavam que a Sinhá e o Sinhô não iriam perdoar aquela escrava e iriam mandá-la para o tronco.

A própria escrava gritava chorando: “Pode levar a nega pro tronco, a nega merece.” Mas Zifirina e Vicente Ferreira Gomes perdoaram a nega que não fez por maldade. Veio então a abolição da escravatura, os negros gostavam tanto da fazenda do Sinhô e da Sinhá que não foram embora, ficando por ali mesmo.

Vicente Ferreira Gomes e Zifirina tiveram três filhos: Ilário Ferreira Gomes, Maria das Dores Gomes (mãe de Dr. Sebastião Gomes Guimarães, ex prefeito de Divinópolis) e Delário Ferreira Gomes. Delário Ferreira Gomes casou-se com Filomena (filha de Virgínia e Francisco Claudino de Freitas). Delário era muito branco e de olhos azuis, já Filomena era morena com apelido de baiana. Eles tiveram sete filhos: Maria Cândida de Jesus, Virgínia Maria de Jesus, Zifirina Maria de Jesus, José Ferreira Gomes, João Ferreira Gomes, Levino Ferreira Gomes e Leontina Gomes de Freitas.

O início da união

Antônio Simão de Melo conheceu Maria Cândida de Jesus da seguinte forma:

Um belo dia, Antônio foi passear na casa de Delário Gomes, o qual era pai de lindas moças. Antônio Simão já estava na época de casar, quando ele chegou à casa de Delário, na Comunidade de Espadilha, perto de Nova Serrana, as moças se esconderam de vergonha. Ele entrou e sentou-se e a Filomena gritou: - Maria, vai fazer um café para o Antônio e traz aqui pra ele. Ela saiu de trás da porta com os pés descalços e as pernas tremendo de vergonha. Maria Cândida fez o café e entregou para Antônio, voltando para o quarto onde estavam todas as suas irmãs. Pelo buraco da fechadura todas elas ficaram olhando para aquele homem e ele, muito esperto, notou, vendo por debaixo da porta aquele monte de pés descalços, o que depois foi motivo de comentários.

Ela era ainda uma criança, mas mesmo assim foi prometida para Antônio Simão. Mais tarde casaram e tiveram 10 filhos: Veli Simão de Melo, Alice Maria de Melo, Antônio Simão Filho, Aneli Maria de Melo, Arlindo Simão de Melo, José Simão de Melo, Maria Cândida Filha e Antônia Maria de Melo.

Encontros da Família Melo em Divinópolis

No dia 22/10/2005, reunimos na casa da Antônia para planejarmos a primeira reunião da família (foto a seguir), que ficou marcada para o dia 27/11/2005. Passamos bons momentos, neste dia, e o melhor foi ver a alegria estampada no rosto de cada irmão. O segundo encontro ocorreu em 14/06/2009 e o terceiro em 19/06/2011.



Passeio na Ripa

No dia 15/11/2005, Antônio, Pedro e Silvana foram para Ripas para conversar com alguns moradores de lá, para saber mais a respeito da família. Nesta oportunidade conhecemos o Antônio Miguel.



Antônio Miguel era o moço mais bonito de Ripas, e foi namorado da tia Lia. Ele contou muitas histórias, e até cantou e tocou para nós. A sua bisavó era irmã da avó de Maria Cândida. Descobrimos que o gosto pela música, que é tão marcante na família, vem de várias gerações.



Cândida, esposa do Antônio Miguel



Ana, amiga de escola



Local onde moravam Antônio Simão e Maria Cândida

Causos da família Simão de Melo

A família era muito trabalhadeira, pobre, porém, muito feliz. Nunca faltou comida, a união e o respeito reinavam por ali. Antônio Simão de Melo, homem caridoso, cuidava dos meninos que chegaram cheios de piolhos e bernês. Dava banho, roupas, comida e cortava os cabelos.

Antônio Simão era respeitado e amado por todos, toda noite a turma se reunia para tocar e cantar quase todos os instrumentos, os que não tinham instrumento acompanhavam com duas colheres e cantavam. Às vezes os homens dançavam catira, as moças não podiam dançar, ficavam morrendo de vontade. Na época da quaresma, todos os instrumentos eram guardados e as cordas eram retiradas em forma de respeito. Quando chegava o sábado de Aleluia, todos acordavam de madrugada, os homens iam matar e preparar o porco e as mulheres iam fazer biscoitos e doces. Os instrumentos eram novamente preparados e era uma alegria só, cantando e comendo.

Na Ripa tinha uma estrada onde passava as comitivas com as boiadas, a estrada era muito ruim, sempre uma ou outra novilha quebrava a perna e os boiadeiros vendiam para Antônio Simão por um preço bem baixo. Ele juntava todos os filhos para destrinchar a novilha. Depois, como de costume, dava alguns pedaços para os vizinhos. Tinha uma vizinha solteirona que exigia a cabeça da novilha, lhe deram o apelido de “Augusta da cabeça”. Ela foi autora de uma história que marcou a fazenda de Inácio Ferreira Gomes, tio de Maria Cândida de Jesus.

Augusta Cabeça tacava pedras e gemia como se fosse uma assombração. Todos na Ripa chamavam os padres para benzer as fazendas achando que era coisa sobrenatural. Antônio Simão desconfiado ficou escondido atrás da moita e disse: “É hoje que eu pego essa assombração”. Pouco tempo depois escutou um gemido, quando foi ver o que era deu de cara com Augusta Cabeça tacando pedras no telhado da fazenda, gemendo e morrendo de rir. Antônio Simão pegou Augusta pelo braço jogou no meio da sala dizendo: “A assombração é isso aqui ó...” Augusta Cabeça ficou sem graça e nunca mais repetiu o feito.

Família de Veli Simão de Melo

Tudo começou assim:

Por sermos primos de 3º grau, eu Lourdes Fernandes, frequentava a casa da mãe de Veli Simão de Melo. Fomos criados juntos como irmãos. Eu com as minhas primas, irmãs do Antônio Miguel, íamos para cachoeira nadar, onde Veli Simão nos seguia e curioso ficava nos espiando nadar. Veli fazia várias proezas, jogando pedra na caixa de marimbondo para ver se saímos correndo de ribeirão, pois estávamos nadando apenas de calcinha.

Aos 15 anos eu Lourdes, comecei a namorar com Veli Simão de Melo, por ser o filho mais velho, o pai dele Antônio Simão achava que ele era muito novo para casar, pois ele ajudava no sustento da casa. Já o pai de Lourdes aprovava o namoro. Aos 17 anos de Lourdes e 18 anos de Veli, eles se casaram. Apesar de o casamento ser adiado por 12 dias, por motivo de serem primos de 3º grau. Através de uma licença eles se casaram no Cercado, atual Nova Serrana no dia 20 de janeiro e foram morar na Ripa. Eles não tinham móveis, sua cama foi feita de madeira esculpida por facão. Apesar da dificuldade, o amor venciam qualquer barreira. Em seguida tivemos a nossa 1º filha: Maria, que depois de alguns dias veio a falecer. Como na época não havia televisão e o nosso divertimento era apenas um radinho de pilha, tivemos mais 12 filhos, que apesar da dificuldade foram criados com muito amor. Eu e Veli, ainda vivemos juntos por 57 anos, pois com uma atrofia cerebral o colocou em uma cadeira de rodas por mais de um ano;

Veli Simão de Melo veio á falecer em 23 de fevereiro de 1995. Hoje nos restam saudade sua esposa, filhos, netos e bisnetos.



Família de Valdivina Maria de Melo

Pediram-me que relatasse os fatos ocorridos com meus pais aqui neste caderno. Eu preferi fazer uma mini-biografia da existência de três seres humanos, que existiram e continuam existindo na face da terra. Continuam existindo através filhos e netos. Silvano de Castro

Oi primos, tios e tias, meu nome é Silvano de Castro, eu também sou descendente de Antônio Simão de Melo e Maria Cândida de Jesus.

Meus pais: Joaquim Vicente de Castro e Valdivina Maria de Melo.

Minha mãe faleceu no dia 17 de dezembro de 1983 e meu pai no dia 21 de julho de 2000.

Sou filho do segundo casamento de minha mãe, pelo que foi relatado pela minha mãe, ela casou a primeira vez com um primo, primo de primeiro grau, casamento este prometido pelos pais, que eram irmãos. Minha mãe era a filha mais velha da família Simão de Melo. No primeiro casamento ela teve um filho de nome Arlindo, que veio falecer através de um tombo, que sua cunhada deu na criança. Tentaram salvar a criança, mas não teve jeito.



Foto tirada no dia do casamento em 1963

Algum tempo depois ela veio a separar do seu marido, mudou-se para Divinópolis, e através da ajuda do Dr. Sebastião Guimarães veio a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de Divinópolis, este hospital era o único existente naquela cidade. Neste hospital adquiriu, experiência como parteira, profissão essa que trabalhou enquanto teve saúde. Quando havia algum problema com algum paciente chamava o Dr. Sebastião, que dava a ela toda assistência necessária.

Aqui hoje em Divinópolis, existem muitos seres humanos que vieram ao mundo através de Deus e da ajuda de minha mãe para nascer. As crianças que nasciam minha mãe dava toda assistência até que a mãe da criança recuperasse a saúde. Por muitas vezes eu acompanhei o trabalho dela, e ficava com muita vergonha, pois toda criança que nascia menina, falavam que era minha namorada.

Nossa cidade havia poucos recursos médicos naquela época. Já havia quatro anos que minha mãe trabalhava na Santa Casa. Um belo dia um senhor chamado Joaquim, que morava em um arraial próximo a Divinópolis, deu entrada neste hospital com sérios problemas de saúde; havia perdido o pai e logo depois veio a perder a mãe. A única irmã viva trouxe ele para tratar neste hospital, ficou muito tempo internado, onde veio a conhecer a Dona Divina. Meu pai lá na roça aprendeu a profissão de barbeiro, por conselhos médicos, vendeu o sítio na Cachoeirinha e mudou-se para Divinópolis, comprou um barracão na Rua São Sebastião no bairro Afonso Pena. Minha mãe com suas economias já havia conseguido comprar um barracão no mesmo bairro na Rua Vitória.

Minha mãe no primeiro casamento havia casado só no religioso, meu pai era solteiro safado, já conhecia a dona Divina do hospital. Adivinha o que aconteceu? Os dois se enrolaram, aí minha mãe engravidou, nasceu meu irmão. Ele nasceu fraco com problemas de saúde, e não conseguiu sobreviver. Ele foi batizado no dia da sua morte, pelo Sr. Joaquim Lino, porque não dava tempo de buscar o padre.

Depois deste acontecimento, meu pai vendeu o barracão dele e comprou um terreno no bairro Afonso Pena, na Rua Mato Grosso, número 1659. O terreno tinha um barracão, ele arrumou este barracão. Minha mãe arrumou o barracão dela e alugou. Depois veio morar com meu pai. Nestas alturas meus avós vieram morar em Divinópolis, meu pai trabalhava como barbeiro, minha mãe já havia largado o hospital e trabalhava como porteira e costureira.

No ano de 1955 minha mãe engravidou. Em janeiro de 1956, no dia 8 às 11h45min da manhã adivinha quem chegou? “Eu!” Dei mais sorte que meu irmão. Ao contrário dele, nasci forte, saudável e bonito. Segundo o relato do meu avô Antônio Simão, eu era tão levado que meus pais não quiseram ter mais filhos. Em 1963 fui convidado junto com Sr. Geraldo Tavares para ser os padrinhos do casamento dos meus pais. Este casamento só se realizou no civil, visto que minha mãe já havia sido casada no religioso.

Ser filho único foi o que mais me prejudicou na vida. Sempre reclamava com minha mãe, tudo era só eu. Eu para trabalhar, eu para apanhar, eu para fazer as coisas. Eu não tinha irmão para dividir nada, por outro lado os carrinhos eram só meus. Tivemos uma vida muito bonita juntos, não havia luxo, mas havia muita fartura, graças ao trabalho dos meus pais. Devido à falta do irmão, que senti ao longo da minha vida, procurei compensar quando casei. Tive quatro filhos, para minha alegria foram dois casais, que beleza! Na hora de trabalhar, todo mundo junto, na hora de apanhar, todo mundo junto. Às vezes sou pego de surpresa pelos meus pensamentos, esqueço da minha condição de pai e passo a considerar meus filhos como irmãos, estes que não pude ter.

Não consigo lembrar de nenhuma desavença, entre a família dos meus avós, foi uma convivência muito bonita, de respeito, carinho e seriedade. Gosto muito de minhas tias e de meus tios, dentre

meus tios e tias, convivi muito com três deles e recebi muito carinho deles, aqui o meu agradecimento a todos que me deram carinho, mas em especial aos tios: Veli Simão, José Simão, e tia Tonha. Este especial é porque houve mais convivência, durante minha vida. O meu eterno agradecimento a Deus, a Antônio Simão de Melo e Maria Cândida de Jesus, pela minha existência na face da terra. Por obra do destino o local onde reunimos (primeiro encontro da Família Melo) foi o antigo hospital onde minha mãe trabalhava: Santa Casa de Misericórdia, Nossa Senhora Aparecida, hoje transformado em asilo.

Família de Maria Cândida da Silva



Maria Cândida da Silva, 9ª filha do casal, Maria Cândida de Jesus e Antônio Simão de Melo, nascida em 06/02/1934, data do registro civil 06/02/1936. A filha Maria Cândida começou a trabalhar muito cedo, aos oito anos de idade já trabalhava na roça com seu pai e seus irmãos, à noite quando sobrava tempo brincava de boneca, pois tinha também que limpar arroz (tirar as cascas) e tecer cestas de palha. Aos 18 anos se mudou com a família para Divinópolis e começou a trabalhar de empregada doméstica, pois na infância teve que interromper seus estudos para trabalhar na roça. Aos 23 anos de idade casou-se com Antônio Carlos da Silva. A durabilidade dessa união foi de apenas 8 anos.

Em 04/03/1968, Antônio Carlos, foi assassinado no posto de gasolina onde trabalhava. Segundo o relato do próprio assassino, ele teria o matado pelas costas com uma marreta para roubar. O réu confesso era colega de trabalho da vítima, ao ver que o patrão tinha guardado certa quantia no cofre do posto e era Antônio Carlos quem ficava com a chave do mesmo na ausência do patrão, matou-o covardemente.

A esposa Maria Cândida na época do crime, estava grávida de três meses. Dessa união nasceram 4 filhos: Antônio Carlos da Silva Filho, Maria Mônica da Silva, Romeu Carlos de Melo e Marlene da Silva. Não foi fácil para a viúva educar e cuidar dos filhos sozinha, o advogado Dr. Simão Salomé conseguiu emprego para ela em uma escola. Hoje graças a Deus ela é aposentada e tem dois netos: Richard Anderson da Silva, filho de Toinzinho; e Jhonatan Oliveira Melo, filho de Romeu.

Entrega o teu caminho ao Senhor confia nele e ele tudo fará. Salmos 37:5

Família de José Simão de Melo



José Simão de Melo, 6º filho do casal Antônio Simão de Melo e Maria Cândida de Jesus, nascido em 25/04/1933, no município de Nova Serrana (Ripa). Estudou em uma humilde escola, até 3ª série. Sua professora que era muito querida por todos se chamava Mariazinha. Aos oito anos começou a trabalhar com seu pai e seus irmãos na plantação, trabalhava no horário da tarde e estudava no horário da manhã. Quando saía para trabalhar, sua mãe sempre arrumava uma “gamela” de comida e uma rapadura para ele almoçar na roça com seus companheiros. Simão era uma pessoa muito generosa, dividia sua comida com todos.

Gostava muito de música, começou a tocar violão aos seus 13 anos, fazia serenata para as moças. Mesmo se divertindo com suas serenatas e amigos, era um moço muito responsável, nunca deixou de cumprir com suas obrigações. No dia 31/05/1958, com seus 25 anos, casou-se com Ana Ribeiro da Silva e teve 6 filhos: Ana, Aparecida, José, Luzia, Aristides, Amarildo, sendo que Ana e Luzia vieram a falecer ainda quando crianças.

Hoje aos 76 anos têm 5 netos: Helaine, Fabrícia, Diego, Marco Túlio, Ana Efigênia e o bisneto Arthur Simão, filho da Fabrícia que é a alegria da família.

Família de Antônio Maria de Melo



Eu sou Antônio Maria de Melo, a filha caçula da família. Nasci em 29 de março de 1943, em Ripa (Município de Nova Serrana). Vivemos bons momentos lá, depois nos mudamos para Divinópolis, onde me casei com Gersino e tivemos quatro filhos (Selma Aparecida, Silvana Cristina Vilela, Adriana Regina e Daniel Simão de Oliveira). Meu casamento durou 25 anos e depois nos separamos. Passado algum tempo, conheci Pedro Pereira e decidimos nos casar. Estou vivendo com ele até hoje, nos damos muito bem graças a Deus.

Por eu ser a filha caçula, sempre tive algumas vantagens, como por exemplo, o fato de ter praticamente duas mães (minha mãe de verdade e minha madrinha Neli, que é a minha irmã). Minha madrinha vivia trabalhando duro, para ganhar alguns trocadinhos. Então ela pegava esse dinheiro e ia comprar tecidos para fazer vestido para ela e me levava junto, para que se sobrasse tecido eu pudesse fazer um para mim também. Mas tinha um problema, o dinheiro era pouco e eu só gostava dos panos das últimas prateleiras (que eram os mais caros) e já minha mãe (irmã) olhava só os que ficavam lá em baixo (os que eram mais baratos). Outro problema é que ela só gostava dos panos com umas cores mais sem graça, e eu dos panos coloridos e floridos. Mas ela sempre arrumava um jeitinho que satisfizesse nós duas.

Era a minha mãe mesma quem costurava os meus vestidos, e isso era o pior. Porque ela sempre os fazia, muito compridos e de gola e eu detestava. Então eu chorava de raiva e pedia que ela cortasse a metade da saia, porque estava parecendo roupa de Maria Mijona. Mas ela não cortava e deixava como estava. Como eu era muito custosa, eu pegava o vestido escondida e fazia uma barra nele de pontos bem grandes, já que eu era pequena e não sabia costurar. Deixava a saia bem curta, como eu gostava. Quando a minha mãe via o que eu havia feito no vestido, ela desmanchava os pontos que eu tinha feito. Eu muito teimosa, pegava a tesoura e cortava bem curtinho e tirava a gola. Assim não tinha mais como minha mãe desmanchar. O meu pai ficava sempre só achando graça e rindo de nós duas. Mas apesar de ter dado todo esse trabalho a respeito de roupa, eu sempre fui uma boa filha.

Família de Aneli Maria de Melo

Aneli Maria de Melo sendo uma das filhas, a 5ª da família Melo, casou-se com Jésus Máximo dos Santos, que são primos de 2º grau, como era de costume dos antigos se casarem entre famílias. Nascidos na mesma cidadezinha, Ripa. Desse matrimônio nasceram 11 filhos, porém, dois vieram a falecer ainda recém nascidos. O primogênito da família se chama Gilberto Máximo dos Santos, nascido aos 23 de novembro de 1955, hoje com 53 anos, já é avô do Ítalo, que por fim é bisneto de Aneli e Jésus.

Gilberto e sua esposa Wilsa tem quatro filhos, são eles: Neliana, Mariana, Felipe e Tiago. As filhas já são casadas e os filhos solteiros.

O segundo filho é Jésus Davi, tem 51 anos, solteiro, nasceu aos 11 de junho de 1958. O terceiro se chama Osvaldo Cezar, tem 49 anos, nasceu aos 12 de janeiro de 1960, é casado com Maria de Fátima Teodoro e tem uma filha chamada Aliny que está com 19 anos.

A quarta filha se chama Ana Maria de Melo Oliveira, tem 47 anos nasceu aos 09 de julho de 1961, casou-se com José Ignácio de Oliveira e tem uma filha de 14 anos que se chama Layane de Melo Oliveira.

A quinta filha se chama Cleusa Maria Máximo, tem 46 anos nasceu em 29 de setembro de 1962, tem um filho de nome Gabriel com sete anos, cujo pai se chama Garibaldi Dimas.

Depois veio o sexto filho, Celso Máximo dos Santos de 44 anos, nascido aos 28 de setembro de 1964, solteiro.

O sétimo filho é o Júlio Máximo dos Santos, hoje casado com Patrícia Duarte.

A oitava filha é Maria Eliana Santos com 41 anos, nascida aos 05 de maio de 1968, solteira.

E o nono e último filho é o Ronnie Máximo dos Santos que é também solteiro. São todos muito amorosos como pais e também como filhos.

- Fato: Quando Aneli casou-se, foram morar em um sítio afastado da cidade onde moravam anteriormente. Aneli se sentia muito sozinha porque o marido Jésus saía para negociar fumo, bezerros e outras mercadorias que colhiam ali no sítio. Então ela chamava a tia Antônia, sua irmã que era bem jovem ainda. Tia Antônia levava com ela também o Arlindo que é sobrinho dela, filho do tio Veli Simão de Melo, para passar alguns dias por lá. Aneli conta que quando eles chegavam era uma alegria só, se divertiam muito, mas na hora de partir era só choro que se ouvia.

- Um outro fato: Este bem engraçado que aconteceu com Aneli quando era criança e ia acompanhada por seu irmão Antônio, hoje falecido. Antônio tinha um pequeno distúrbio mental, e isso fazia com que alguns meninos zombassem dele. Aconteceu que um desses meninos chamado Geraldo da Augusta Máximo, também primo do Jésus, todo dia ia zombando do Antônio chamando-o de Antônio doido. Aneli ficava observando e planejando como fazer para livrar seu irmão Antônio daquelas impicâncias. Num belo dia, quando atravessavam uma pinguela que havia no percurso entre a casa deles e a escola, Aneli empurrou o Geraldo dentro d'água e em seguida disse: - Isso é pra você deixar de zombar do meu irmão. E assim acabou-se a zombaria.

Família de Levi Simão de Melo

Oi pessoal, meu nome é Selma Melo, sou esposa de Gilson Melo, 5º filho de Levi Simão de Melo e Venica Augusta de Melo. Fui escolhida pela família para relatar um pouco da história de Levi:

“Primeiramente, gostaria de parabenizá-los pela grande iniciativa de elaborarem essa lembrança de família, pois tenho certeza de que por muitas décadas os descendentes de Antônio Simão de Melo e Maria Cândida de Jesus se orgulharão de seus antepassados e terão muitas histórias para contar.”

Bom, pelo pouco que soube através de minha sogra, Venica Augusta de Melo:

Levi Simão de Melo era o 3º filho de Antônio Simão de Melo e Maria Cândida de Jesus. Levi Simão de Melo e Venica Augusta de Melo se casaram em uma pequena igreja da comunidade dos Costa, bem próximo a Ripa onde moravam, segundo Sra. Venica, se casaram quando (no dia) ela completou 14 anos, por tanto no dia 17 de julho de 1943. Dessa união nasceram nove crianças das quais infelizmente quatro vieram a falecer, todos de morte natural, ainda bem pequenos. Os outros cinco são:

José Maria de Melo, Expedito Gontijo de Melo, Milton Gontijo de Melo, Carlos Alberto de Melo e Gilson Aparecido de Melo. Levi Simão de Melo e Venica Augusta de Melo viveram casados aproximadamente 23 anos. No dia 16 de novembro de 1966, houve uma tragédia na família. O Sr. Levi Simão de Melo, se matou com um tiro de espingarda na cabeça, com 44 anos de idade, por motivos ainda desconhecidos, pois sempre foi um homem muito tranquilo e todos dizem que ele tinha até “medo de chuva”.

Deixou então a família com cinco filhos menores, o mais velho José Maria com apenas 15 anos de idade passou a ser arrimo de família e ajudou sua mãe a cuidar dos quatro irmãos, trabalhando no D.T.C. – Divinópolis Tennis Clube e junto com Sra. Venica e os irmãos maiores ainda tinham que vender doces e pescar para vender pra ajudar a aumentar a renda.

A Sra. Venica por sua vez dedicou toda sua vida na educação dos filhos preparando-os para a vida, ensinando-lhes a trabalharem honestamente e a respeitar o próximo. Hoje então com 82 anos de idade, 5 filhos, 10 netos e 2 bisnetos, e para todos nós um grande exemplo de honestidade, perseverança, sabedoria e é sem dúvida nenhuma uma “grande guerreira”.

Selma Melo

Família de Alice Maria de Melo



Alice Maria de Melo, nascida em 30 de setembro de 1925, tinha apelido de moranga e trabalhava na Pensão do Tio Zezinho, na Rua Maranhão 186, em Divinópolis, quando conheceu um hóspede, João Basílio da Silva, que estava de passagem com amigos. Segue a descendência da família:

Filhos		
João da Silva (Silvinho † 21.09.1949)		
	Netos	Bisnetos
Getúlio Marcos da Silva (Tula) e Cleia Vicentina Freitas Silva	Getúlio Marcos da Silva Júnior e Tatiana dos Santos Queiroz Silva	Rafael Souza
	Alessandra Mara de Freitas Souza e Denis Ricardo de Souza	
	Samantha Alice de Freitas Silva e Guilherme Miranda	
	Samuel Túlio Inácio de Freitas Silva	
Gilberto da Silva Melo (Gil) e Djanete Soares Pereira da Silva Melo (div)	Guilherme Augusto Soares da Silva Melo Cecília Soares da Silva Melo	Otto Augusto
Gilson José da Silva (Lila) e Heloisa Cota Araújo Silva	Livia Cota Araújo Silva Marina Cota Araújo Silva	
Geraldo Tadeu da Silva (Gê) e Vera Lúcia da Silva (div)	Juna Cristina de Melo Silva Alisson Augusto de Melo Silva e Ivy Daniele Costa	
	Ana Célida de Melo Silva e Giuliano	
Guilherme Basilio da Silva (Lelé † 07.08.1965)		
Maria Alice da Silva (Lili) e Kleber Maia de Oliveira	Natália Maria Silva de Oliveira	

Gaspar Reis da Silva (Tipas) e Maria de Fátima Rosa Reis e Silva	Marcelo Henrique Rosa Reis
Gilmar Antônio Silva (Tumeco) e Alcione Matarelle de Abreu e Silva (div)	Camila Mattarelli de Abreu e Silva Rodrigo Mattarelli de Abreu e Silva Gabriela Mattarelli de Abreu e Silva
Giovani Silva (Boi) e Ângela Martins Carneiro e Silva	Luiz Felipe Carneiro e Silva Júlia Alice Carneiro e Silva
Gilvan Augusto Silva e Gláucia de Assis Ferrari	Victor Augusto Ferrari e Silva Giovana Ferrari e Silva



Dona Alice conta como conheceu João Basilio

Segue o relato de Alice Maria gravado durante a viagem para o encontro da Família Melo em Divinópolis em 14/06/2009 (a gravação está no site da família no endereço http://basilioemelo.cadaqual.com/arg/Historia_de_Alice_e_Joao.mp3:

Enquanto viajo para o encontro em Divinópolis vou contar a nossa história. O sobrinho do meu pai morava aqui em Belo Horizonte. É primo meu, sobrinho do meu pai. Eles moravam aqui em Belo Horizonte, aquela época que pessoa que servia o exército tinha que servir 3 anos. E ele tinha que ir, mas a minha tia falou:

- Oh, se São Sebastião ajudar que ele, depois que ele for servir o exército, eles vê que tem excesso de contingente, ele podia ser dispensado.

Mas ele já tava disposto a servir o exército, já... Já tava definido, mas na última hora lá no lugar, eles falaram que não ia precisar dele não porque tava com excesso de contingente, que ele podia vir embora. Então, a tia tinha feito uma promessa de ele ir com a imagem de São Sebastião lá no Cercado, que agora chama Nova Serrana. Nesse meio, antes, eles passaram na casa que eu morava, na pensão da minha tia. E eu passando roupa, com aquele cabelão grande, aquela trançona, e passando roupa e ele tocando um banjo, e balançando o corpo e cantando:

- Baiana que entra no samba só fica parada, ninguém se incomoda, ninguém vale nada, deixando a moçada louca... aquela baiana que dança direitinho, que mexe, remexe com a mão na escadeira, deixando a...

Ah, eu esqueci... esqueci esse pedaço... também, tô velha. Mas, ah, deixa pra lá. Aí ele começou a cantar “Baiana” e eu tinha o apelido de baiana, vestido de babado e de trança, tinha mesmo o tipo de baiana mesmo e ele ficou meio assim entusiasmado e... e eu tb. Isso ele vai lá pra Divinópolis... ele foi lá pra Cercado.

Lá no Cercado eles cumpriram a promessa e foi prum lugar lá chamado Moitinha e ele arranhou outra menina lá, assanhada, que eu, minha tia não deixava eu nem chegar perto de homem nenhum. Era só por a comida na mesa e sair correndo. Mas como eu era muito tímida, não conversei com ele depois que ele chegou, que ele conheceu essa tal de Gumercina, que era uma filha de fazendeiro lá, mandou arrear o cavalo pro João montar. Aí ele comprou um terno de brechó, porque ele não tinha condições de comprar um terno novo pra ir na casa do futuro sogro, pedir um casamento, muito assim, derrubado, né... mostrar que ele era um homem... num era pobre, né, tão pobre... pro sogro dele achar que podia entregar a filha pra casar.

Aí, lá em Nova Serrana, naquele outro lugar que eu falei... Moitinha. O terno era tão velho que ele, montando no cavalo, a calça partiu bem na bunda. Aí ele já tinha deixado dentro do banjo dele uma cueca, já tava usada. E eu naquela sensação - Meu Deus, eu não vou poder ficar nessa vida de empregada na casa dos outros toda vida, não....

E meu tio disse que ele tava namorando a irmã dele, do meu primo... mas ele gostou mais do meu jeito... trabalhando, caladinha, de cara fechada [risos], prestando atenção neles tocar, fazendo o maior sambão na pensão. Aí quando eles foram prá Moitinha ele arranhou essa namorada que ele andou de cavalo com ela, Gumercina, e ficou gostando dela, mas... passa tempo. Mas ele tava pensando em mim também. Aí eu falei assim:

- Ô, João...”. (Caçar papo com ele sem a minha tia ver, uma escapulidazinha assim, ela xingava).

- Ô, João, cê ficou queimado, cê tomou muito sol lá?

Nesse prazo, que ele tava pra lá prá Moitinha, o pai da Gumercina foi lá pra pensão do tio Zezinho e falou assim:

- Oh Dona Virgínia, passou aqui na pensão da senhora um tal de João Mariano?” Que é o meu primo, né... “E João Basílio e Samião?

Que tinha outro também, o Raimundo. O Samião era um pretão bom pra cantar e tocar, mas num tinha... ele calçou, cortou o sapato porque não tinha sapato. O sapato tava machucando, fez chinelo do sapato e foi com o sapato no lugar do chinelo. E tudo aquela alegria, aquela satisfação de tá fazendo o passeio os três amigos... e eu de ouvido em pé, né... Falou assim:

- Não há de ver que a minha filha tava doida pra arranjar um namorado, a Gumercina, e ela gostou muito do João Basílio, andou na garupa com ele, o cabelo dela voava longe. E foi muito bacana, fez a promessa, arranjou a namorada lá...

E eu já fiquei danada da vida, falei assim:

- Já tem outra pretendente pro João, agora vamos ver o quê que vai acontecer.

Aí... eu fiquei calada e eu escutei o caso tudo. Depois eu fiquei doida que o João chegasse, quando o João chegou eu falei:

- Mas cê tá queimado, cê tomou muito sol lá? Cê quer tomar um banho agora, cê tá cansado...

Aí ele já deu brecha pra mim conversar com ele um pouquinho, a minha tia tava bordando. E desse ponto eu já lavei a cueca dele, lavei a roupa que ele tinha de lavar, coloquei no lugar pra ele, tudo direitinho já... Puxando, mostrar as qualidades, né... pra ele. Tá bom. Então depois ele almoçou, foi lá pra rua, ficou olhando... eu fiquei na janela e o número tava pra cima da minha cabeça no muro do lado de fora. Rua Minas Gerais, 186. Mas ele olhando, eu falei assim:

- O quê que foi, João?

Ele falou assim:

- Não, eu tô aqui olhando o número daqui, porque por acaso se eu quiser escrever pra cá eu to com o número daqui.” [risos].

Aí eu gostei, falei assim: - Tá bom, bom sinal, mas vamos ver se é a filha do fazendeiro ou se é uma empregada.

Aí passou, ele veio pra Belo Horizonte e escreveu uma carta pra mim pedindo uma foto e mandando uma foto dele. Depois sumiu o João. Ficou mais de um ano sem ele comunicar comigo. Foi em 1947 que eu casei. Então, arranjou outra namorada, brigou com a namorada. Falou assim:

- Tem que ser com a Alice mesmo, porque essas meninas aqui de Belo Horizonte elas quer só quer fazer brincadeira com a gente. E eu quero agora, preciso de casar pra sentar minha cabeça, que ajuda

eu controlar... me ajuda. Se ela topa morar com a minha mãe, com a minha irmã, tudo junto, tá tudo bom. Mas tá dependendo disso agora. Deixa dar um prazinho aqui.

Depois passou um ano e dois meses e eu já tinha até esquecido dele, como é que ele era. Quando é fé, ele apareceu. Depois um ano e dois meses, ele telefonou e falou que ia lá em Divinópolis pra ver como é que eu tava. Ele telefonou, eu tava de pneumonia, minha prima apresentou pra ele como se fosse eu. E ele falou:

– É você, Alice?

– Sou eu mesma

– E como é que cê tá, cê tá com namorado aí?

– Não, uai, pois cê sabe como é que é, minha tia é muito nervosa, ela acha que tem muita responsabilidade comigo, porque o pai entregou eu pra minha tia e ela não deixa eu olhar pra ninguém. Num tenho namorado, não.

Aí ele falou assim

– Oh, é porque se ocê, se num tiver compromisso aí, eu vou aí pra nós ir na roça pra pedir casamento o seu pai. Pedir a mão sua pro seu pai.

E o meu primo foi comigo, o Dejair, pra servir de companhia, porque nós tínhamos que andar de trem, acho que umas duas horas de trem, tinha que andar três quilômetros pra chegar até na casa do meu pai. Chega lá, eu morrendo de medo, porque eu tinha avisado só minha mãe. E o pai, eu com medo, mas foi muito carinhoso e muito bom, recebeu ele com o maior carinho e já gostou muito. Falou:

- Oh, se a minha filha tiver querendo casar, que até hoje ela nunca namorou, tá às ordens, porque parece que ocê é um bom rapaz.

Aí o pai descascando umas canas e dando pro João chupar, debaixo dos pé de laranja, chupando laranja, batendo papo os dois lá, né, eu num fui não. Na Ripa o pai descascando cana, descascava laranja, dava pra ele chupar. E depois deixou tratado. Aí meu avô pegou, falou assim, tava muito velhinho, e falou assim:

- E pra quando é esse casamento? Pode fazer pra 15 dias?

15 dias de prazo pra arrumar. Aí eu mais o João falou, nós já tava junto, eu falei assim:

- Não, 15 dias num dá, porque tem que correr papel em Belo Horizonte, tem que correr papel aqui, precisa ter mais prazo.

Aconteceu que depois que eles resolveram, já acertou as conversas que eles queriam falar, já tinha falado, tinha marcado meu casamento pra dia 15 de julho e quando tá pra casar no interior, no interior brabo mesmo, ia casar 5 moças é um absurdo, porque lá tinha missa só uma vez por ano. Como ia casar 5 moças, eu ia casar lá na roça, mas quando tava faltando 15 dias pro nosso casamento, aí o meu avô faleceu. Meu avô faleceu e eu resolvi não querer casar no interior, porque ia gente de Belo Horizonte pra lá, madrinha de casamento e o pessoal de Belo Horizonte ia, minha sogra e cunhada.

Eu vim aqui em Belo Horizonte, foi aí que eu conheci minha sogra, minha cunhada, as duas cunhadas, pra adiar o casamento. Ao invés de ser mês de julho, marcou pro dia 11 de setembro de 1947. E assim foi realizado, foi tudo muito bem, com muita alegria e a gente resabiado, porque eu não conhecia

ninguém quase dele, nem conhecia ele direito também. Mas, finalmente, graças a Deus, Deus pôs a mão sobre nós dois, e nós casamos, nós nos vimos 4 vezes e casamos e nunca brigamos, nunca teve um falar alto com o outro. Vivemos, criamos, tivemos 11 filhos, 10 homens e uma mulher e nunca teve problema, sempre aceitando tudo que Deus dava e achando que tava tudo muito normal. Morando, passando certos apertos, porque ele tava desempregado, mas num faltou nada, porque o que podia faltar era o Amor, mas o Amor que nós amou, um Amor mandado por Deus.

Nós realizamos uma vida muito boa, muito abençoada e tivemos filhos ótimos, que é muito difícil hoje a pessoa ter uma vida igual eu tive, sofrida, e Jesus mandou um ótimo marido, não marido, um esposo muito bom, muito carinhoso e tudo que ele podia fazer pra fazer a gente feliz e os meninos, criou os filhos tudo com todo prazer e agora encerrou assim. Acabou a filha de uma doméstica, eu criei os meninos, um bocado é engenheiro, outro é advogado, outros é dançarino, outro já tá cantando até na rádio e eu estou realizada, mas tem um problema, que a agente não esquece 58 anos dormindo junto e sem nunca brigar um com o outro e isso tem que agradecer a Deus, porque isso hoje em dia tá muito difícil.

Mas eu estou muito satisfeita, porque eu tenho excelentes filhos, que eu ainda clamo um pouco, só mesmo a falta dele, mas ele tá num bom lugar, que ele trabalhou muito pra Deus, deixou exemplo, de todos filhos conhecer Deus, ter Fé em Jesus. Mas agora eu num vou contar mais nada não, porque eu já contei bastante, já tomou bastante tempo. Muito obrigada, gente, quem quiser ouvir [risos], eu tô aqui é rindo, rindo do trabalho da minha neta que tá aqui me ajudando, meu filho, que toma tanto trabalho, incentiva a família, fica pelejando pra juntar a minha família com a família do pai dos meus filhos. Muito obrigada, um beijo pra todo mundo. Um abraço.

Família de Antônio Simão Filho

Eu sou Antônia Maria de Melo e estou escrevendo para representar a família do Antônio Simão Filho, o Tonho. O Antônio nasceu em Ripas, e foi o oitavo filho do casal, Antônio Simão e Maria Cândida. Se casou com a Maria e mudou-se para Divinópolis, com ela teve quatro filhos, mas um faleceu ainda criança, o Silvio. Com muita dificuldade criou os outros três filhos, pois tinha problemas de saúde e era uma pessoa muito nervosa. Ele faleceu no dia 31/12/76 e ela em 18/07/2010.

Vou escrever contando uma história muito engraçada, que aconteceu quando ele era ainda adolescente. Perto da nossa casa, na roça, havia um canavial muito grande, e em um dia de inverno o Tonho acendeu uma fogueira, para se aquecer do frio, pois lá o frio era muito. Meu pai até disse para ele não acender, porque era perigoso pegar fogo no canavial. Mas ele falou que não ia ter problema, pois depois ele iria apagar o fogo. Chegou a hora de ir para casa, ele apagou o fogo e foi dormir. Porém, pouco tempo depois todos acordaram com um barulho, que vinha lá do canavial. O Tonho não havia apagado direito o fogo. O pior é que ele dormia pelado porque tinha mania de fazer xixi na cama, e quando meu pai levantou correndo e gritando "levanta tomba lobo, ajuda a apagar o fogo que você fez", ele levantou tão assustado e preocupado que não se lembrou que estava pelado. Quando todo mundo se levantou para ver o que estava acontecendo, começaram todos a rir, de ver o Tonho correndo de um lado para o outro pelado. O Zé ao ver eu e Lia morrendo de rir, tirou sua camisa para cobrir ele. Depois fomos todos para casa, e o acontecimento foi motivo de risos e piadinhas o resto da noite.

Segundo diz o filho dele, o Antônio Carlos (Nino), como eles moravam ao lado da casa dos avós, ele ficava muito com eles. Por muitas vezes, quando o Antônio Carlos levava uma surra, seus avós o acolhiam em sua casa e por outras tantas ele dormia com eles, no canto da cama. Seus padrinhos são a Tia Tonha e o Tio Gersino. Abaixo seguem os dados da família:

Antônio Simão Filho († 01.01.1976) e Maria da Conceição Simão († 18.07.2010)	Antônio Carlos de Melo (Nino *07.05.1962) e Marisa da Silva Araújo (div)	Flávia da Silva Melo e
	Maria da Conceição Fagundes Carvalhais	Fabiana da Silva Melo e
	Getúlio Simão de Melo (trabalha na Líder Móveis)	
	Arlindo de Melo e (mora em SP, o Antônio Carlos perdeu o contato com ele)	
	Silvio de Melo († 3a 6m)	